

ETAPA DECISIVA NA LUTA CONTRA BANDIDOS ARMADOS

por Mário Ferro

Com a tomada da Gorongosa, entrou-se agora na etapa decisiva para a liquidação dos bandidos armados no nosso País. A batalha pela conquista da Gorongosa, planificada durante meses e posta em execução há algumas semanas, durou apenas algumas horas, o tempo suficiente para tomar o bastião dos bandidos armados, considerado inexpugnável, que era a «Casa

Enquanto se tomava a «Casa Banana», foram destruídas posições tidas como importantes e vitais para os bandidos, como as bases do Cavalo e de Bungá, a pista de aviação da Fábrica e a base de Muxamba.

— Os bandidos estão desarticulados. Há uma grande confusão entre os bandidos. Muitos estão a entregar-se com as suas armas. Outros preferem esconder-se e entregarem-se sem elas — disse-nos aquela fonte militar, que acrescentou:

— Importa agora consolidar as posições conquistadas e avançar para outras, que ainda estão na posse dos bandidos armados. A tentativa de assalto a Marroume, realizada a 4 de Setembro, foi uma manobra de diversão, para tentar desviar a nossa atenção do alvo principal, que é a Gorongosa.

Nesse dia, os bandidos armados tentaram por cinco vezes apoderar-se de Marroume, mas foram repellidos e sofreram pesadas baixas. Aquela fonte admitiu a possibilidade de os bandidos tentarem realizar uma acção

de trabalho organizativo que está a realizar-se ao nível das Forças Armadas.

Este trabalho — como tem sido anunciado nas últimas três semanas — visa essencialmente elevar a capacidade das nossas Forças Armadas, do ponto de vista organizativo e técnico-profissional.

— É preciso que outros sectores avancem agora para as zonas tomadas aos bandidos armados. Já estamos a estudar para recuperar as estradas na Gorongosa — disse-nos a fonte. Com efeito, técnicos do Ministério da Construção e Águas já se encontram na Gorongosa para, primeiramente, fazer o levantamento do estado das estradas e pontes, por forma a que estas sejam reconstruídas. Por outro lado, estão a ser tomadas medidas ao nível da Saúde, do Comércio Interno, dos Correios, Telecomunicações e Agricultura.

Nas últimas semanas, quando as unidades das Forças Armadas de Moçambique e das Forças Armadas do Zimbábue punham em execução o

Banana» ou a «Banana House», na língua inglesa. Uma fonte militar autorizada afirmou-nos que foi apenas uma batalha, que saiu vitoriosa para as Forças conjuntas de Moçambique e do Zimbábue. Como disse o Presidente Samora Machel, falando na Gorongosa, «quebrámos a espinha dorsal da cobra». Falta o resto para liquidar total e completamente a cobra.

supremo» e pelo «estado-maior» dos bandidos localizado na Gorongosa. E esse envolvimento foi-se tornando cada vez mais cerrado, a partir da fronteira entre Moçambique e o Zimbábue, a ocidente da serra, e da área situada ao longo da faixa costeira, a oriente, colocando-se dois tamponês a norte e a sul que avançavam em direcção à Gorongosa.

Por isso, os bandidos foram perdendo certas posições importantes. Mavonde foi tomada a 9 de Agosto, Muxamba a 20 de Agosto e Marinhue a 23 de Agosto. Outros acampamentos e agrupamentos foram sendo destruídos, até que a 28 de Agosto último foram tomadas a «Casa Banana», a pista de aviação r.a. Fábrica, a base do Cavalo e a base de Bungá, todas elas em plena Gorongosa.

A FANFARRONADA CAIU POR TERRA

Em «Casa Banana» viviam os principais cabecilhas do banditismo arma-

distico em certos meios. Essas ordens eram executadas pelos bandidos armados em diferentes zonas do País, com a participação de mercenários e de membros de forças armadas de certos países com quem os bandidos estavam em ligação estreita.

Era a «Casa Banana» que assegurava as ligações, quer por rádio, quer por via aérea com a África do Sul e o Malawi, por exemplo. A pista de aviação com 800 metros de comprimento, situada na Fábrica, a poucos quilómetros da «Casa Banana», era utilizada sobretudo à noite para a aterragem e descolagem de aviões.

Inclusivamente, a partir desta pista de aviação, os cabecilhas dos bandidos armados, no interior do País, deslocavam-se a vários países vizinhos. A «Casa Banana» começou a ser instalada em 1979 e recebeu apoio das Forças Armadas do ex-regime rodésiano de Ian Smith.

Com a independência do Zimbábue, em 1980, as Forças Armadas sul-africanas passaram a estar directamente envolvidas no banditismo armado no nosso País. Há documentação que dá conta das várias deslocações feitas por oficiais das Forças Armadas sul-africanas à Gorongosa. Também há documentos sobre encontros mantidos na «Casa Banana» não apenas com indivíduos sul-africanos, como também de outras nacionalidades, nomeadamente portuguesa, norte-americana, inglesa e alemã-occidental.

As bases de Bungá e de Cavalo situavam-se a poucos quilómetros da «Casa Banana». Mais longe, encontrase a base de Gogogo, esta já na serra, onde os bandidos haviam instalado o que chamavam por «academia militar». Em Gogogo encontram-se várias dezenas de mercenários de nacionalidades sul-africanas, portuguesas, norte-americanas, inglesas, alemãs-occidentais e israelitas.

A base de Muxamba, situada na região do Dombe, a cerca de 50 quilómetros a sul do Chimoio, onde estava instalado o que os bandidos chamavam de «comando regional centro», servia de seu esconderijo para actividades quer em Manica, quer em Sofala.

A partir deste conjunto de bases, acampamentos e agrupamentos, desenvolvia-se a actividade principal dos bandidos armados no nosso País. Não era por acaso que, na propaganda dos bandidos, em particular a divulgada pela componente portuguesa, a partir de Lisboa, se considerava a «Casa Banana» como inexpugnável, não havendo forças capazes de a destruir.

Com efeito, convencidos da sua inexpugnabilidade, três dias antes de ser tomada a «Casa Banana», o chamado «estado-maior» dos bandidos armados, funcionando no que para eles era o «departamento de defesa e segurança», emitiu um panfleto propagandístico no qual diziam a dado passo

«Nós estamos dispostos e prontos para vos mostrar a nossa capacidade combativa contra as forças zimbábuanas cá em Moçambique e em particular cá na Gorongosa. Embora saibamos que vocês são de efectivo muito elevado, mas garantimos-lhes que jamais regressarão ao vosso País, Zimbábue, porque serão todos mortos e capturados pelas nossas forças».

DE FACTO FOI QUEBRADA A ESPINHA

Deste conjunto de bases, acampamentos e agrupamentos, os bandidos armados lançavam acções de terrorismo e de sabotagem contra importantes pontos estratégicos da actividade económica e social nacional.

Por exemplo, a partir de Muxamba, os bandidos sabotavam as linhas de transporte de energia eléctrica do Réuvé para a Beira, a linha férrea da Beira a Machipanda e o oleoduto que liga a segunda cidade do País a Mutare, no Zimbábue.

A partir das bases do Cavalo, de Bungá, de Mavonde e outras, que foram tomadas, os bandidos atacavam a linha férrea e a estrada que vai do Dondo a Caia, passando por Muzza, Inhaminga e Inhemitanga, bem como o ramal ferroviário a partir desta última localidade para Marroume.

A Oeste, os bandidos atacavam a estrada que vai do Chimoio a Tete e realizavam acções de sabotagem à linha de transporte de energia eléctrica que parte de Cahora Bassa em direcção ao Sul.

— Em termos militares, podemos dizer que a Gorongosa era o território do inimigo — disse-nos uma fonte autorizada das Forças Armadas do nosso País, que nos confirmou o prosseguimento da actividade militar não apenas para consolidar as posições conquistadas aos bandidos, como também para atacar outras, ainda na sua posse, em direcção a Norte, ao rio Zambeze.

Aquela fonte afirmou-nos que são reduzidas as possibilidades de os bandidos: enquanto que força, tentarem atravessar o rio Zambeze, para Norte, e o rio Save, para Sul. Considerou essa possibilidade apenas no âmbito individual.

— Os que são da Zambézia, escondem as armas e tentam ir para junto das famílias. Os que são do Sul, não tentam atravessar o rio Save. Mas desorganizadamente, porque estão em debandada e não são nenhum exercício — adiantou a mesma fonte.



O que resta agora da «Casa Banana»: um montão de armas capturadas aos bandidos armados para além de toneladas e toneladas de equipamento diverso. (Foto Kok Nam)

espectacular, em qualquer outro ponto do País, para efeitos propagandísticos. — Não podemos emberrar-nos com esta vitória. É preciso estar vigilantes. É preciso não largar o inimigo no terreno — afirmou-nos a fonte militar, que chamou a atenção para a impor-

plano estratégico para atacar a Gorongosa, várias bases, agrupamentos e acampamentos dos bandidos armados foram destruídos.

Tratou-se de um envolvimento de tropas para cercar o ponto principal desta operação, formado pelo «comando

do, actuando no interior do território nacional.

Dali eram transmitidas as ordens, recebidas do Estrangeiro, para actos de terrorismo e de vandalismo de grande envergadura, capazes de causar efeito psicológico e propagand-